



ESTADO DO ESPÍRITO SANTO  
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

# A GAZETA



Companhia  
Vale do Rio Doce

Vitória(ES), segunda-feira, 28 de setembro de 1992 - Número III

A213211.1

## DOCUMENTO ESTADO

### I - OS PRIMÓRDIOS (1535 - 1822)

Índios, 7000 anos atrás  
Vasco, o donatário infeliz  
A empresa jesuíta  
A civilização carangueja  
Os nossos heróis  
A complexa relação com Minas

### II - O POVOAMENTO (1822 - 1940)

Surge o rei café  
Chegam os novos imigrantes  
O fabuloso rio Doce  
A capital secreta do mundo  
Jerônimo Monteiro, o inovador  
O porto das canoas de Santa Leopoldina

### III - A MODERNIZAÇÃO (1940 - 1960)

O porto de Vitória  
O fim das tropas nas rodas do caminhão  
O despertar turístico  
O nascimento da Universidade  
Dos anos JK nada sobra para o Estado

### IV - A GRANDE VIRADA (1960-1980)

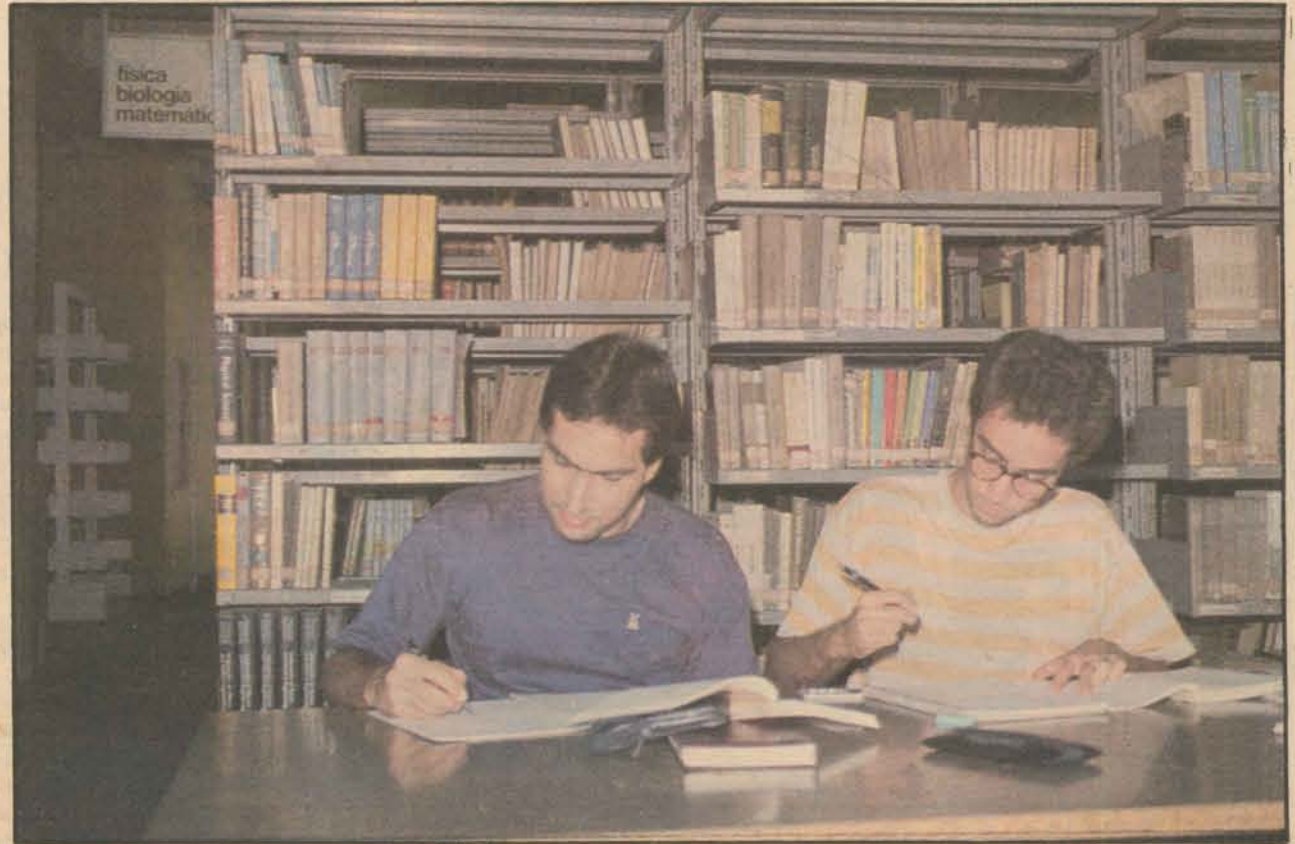
A Companhia Vale do Rio Doce  
O corredor de exportação  
O eucalipto onipresente  
O êxodo rural  
O fim da madeira na região Norte  
A influência de 64

### V - O ESTADO CONTEMPORÂNEO (1980 - 1992)

Café, o fim da monocultura  
A diversificação agrícola  
Balanço dos incentivos fiscais  
Entre morros e mangues da Grande Vitória  
1990 - os governos de esquerda  
Poluição, o outro lado da indústria

### VI - NO SÉCULO XXI (nosso futuro)

Perfil psicossociológico do capixaba  
Retrato do Estado nas artes, arquitetura, cinema, culinária, história, teatro, música, folclore, dança, jornalismo  
Principais problemas: saneamento, urbanização e planejamento  
Índices sócio-econômicos



Na pesquisa, no ensino e na formação de mão-de-obra, a Ufes é fator de integração regional



No Campus, o convívio abre novos horizontes



Há 8 mil estudantes dentro da Ufes hoje

# O papel da Ufes

As primeiras raízes foram lançadas na década de 30, quando o Estado lutava para escapar ao sufoco da crise da lavoura cafeeira, abalada pelo "crack" da bolsa de Nova Iorque. Nas décadas seguintes, os cursos se ampliaram lentamente, até dar origem à Universidade Federal do Espírito Santo, criada em 1962. Hoje, com mais de 30 cursos, 8 mil alunos, 2 mil funcionários e 1 mil professores, a Ufes encara seriamente a responsabilidade de ajudar o Espírito Santo a construir o futuro.

Leia também sobre o peso do porto de Vitória na economia capixaba.

DOCUMENTO  
**ESTADO**

# O porto de Vitória 'começou' em 1870

A13211.2



O velho cais de Vitória, antes dos aterros que ampliariam o limite da cidade

## Os técnicos queriam tirar o porto da ilha

**S**e os políticos de Vitória não tivessem resistido, a cabeça do complexo portuário do Espírito Santo talvez não estivesse hoje na ilha, mas no continente. Desde o fim do século passado havia técnicos com a idéia de criar um porto no continente, no outro lado da baía de Vitória. Temendo o esvaziamento econômico da capital, os políticos da ilha sempre mandaram contra esses projetos.

O primeiro a colocar essa idéia no papel foi um engenheiro chamado Milnor Roberts. Em 1881, época em que o crescente movimento de navios estrangeiros em Vitória suscitava pressões em favor de melhoramentos na baía da capital, Roberts foi contratado e sugeriu um molhe em T para embarcações de 8 metros de calado, além de colocação de bóias e balizas de sinalização na entrada do porto. Boa idéia, disseram todos, só colocando

ressalva quanto ao local do porto — o continente. A idéia não vingou.

Em 1892, o Governo federal contratou uma empresa brasileira (Torres) para construir de fato o porto de Vitória. Seus técnicos passaram meses fazendo estudos, medições, cálculos e análises. Quando apresentaram seu projeto, o Governo federal aprovou imediatamente, com entusiasmo. O Governo estadual não aceitou, porque o porto devia ser construído no continente. E a obra também não andou.

Em 1904, o engenheiro Alfredo Lisboa também conseguiu aprovação federal para um projeto que previa a construção de cais e armazéns no continente. Mais uma vez, os defensores do porto de Vitória brecharam a idéia. Quando finalmente se iniciaram as obras de construção do cais do porto de Vitória, em 1911, quem cantou a vitória foram os velhos advogados da ilha.

**N**o mini-folder intitulado CODESA — Porta Aberta Para Seus Negócios, posto em circulação recentemente, a Companhia Docas do Espírito Santo estabelece pela primeira vez o ano em que o porto de Vitória teria iniciado suas operações: 1870. A primeira mercadoria exportada foi o café em grão.

O folheto resolveu assim um velho problema dos historiadores capixabas, que nunca souberam definir com precisão a data inaugural do porto de Vitória. Ao que parece, a datação da Codesa baseia-se no livro "O Desenvolvimento do Porto de Vitória 1870-1940", de Penha Siqueira, que estabelece aquele ano como marco inicial do porto da capital por dois motivos: é por volta de 1870 que o café começa a monopolizar o comércio exportador do Espírito Santo; e também é em 1870 que têm início as estatísticas organizadas sobre o movimento portuário.

A datação da Codesa tem a vantagem de funcionar como marco de referência para qualquer estudo ou pesquisa. A desvantagem é que ficam para trás mais de 300 anos de existência do porto de Vitória — sem estatísticas, sem cais e sem qualquer controle. No livro de Penha Siqueira, um dos poucos sobre o porto de Vitória (ver a Bibliografia na página 2), verifica-se que até o fim do século passado o porto de Vitória era menos importante do que, por exemplo, o de Itapemirim, exportador de café e açúcar. Foi somente na virada do século que a capital passou a dominar o movimento marítimo no Espírito Santo. Nos séculos anteriores, cada comunidade litorânea ou fluvial tinha seu próprio porto, isto é, um ponto de ancoragem ou atracação, para embarque ou descarga de mercadoria e passageiros. Além de Vitória, do sul para os "portos"

mais ativos do Espírito Santo eram os de Cachoeiro de Itapemirim, Itapemirim, Anchieta, Piúma, Guarapari, Santa Cruz, Cachoeiro de Santa Leopoldina, Linhares, Colatina e São Mateus e Conceição da Barra (ver Documento Estado I). Em todos eles, embarcavam-se as mercadorias típicas do Brasil colonial: madeiras, açúcar, charque, algodão, farinha de mandioca. Desembarcavam-se azeite, fumo, vinho, sardinha, bacalhau, ferramentas.

A partir do café, o porto de Vitória tomou a dianteira do movimento exportador, esvaziando portos do interior e competindo também com o Rio de Janeiro, que centralizava a maior parte dos negócios. Desde a República (1889), os governos federal e estadual patrocinavam estudos e projetos sobre o porto da capital capixaba, onde crescia o movimento de barcos a vela e a vapor, inclusive estrangeiros, que precisavam operar ao largo da baía. Por falta de cais ou trapiches, as mercadorias entravam e saíam dos navios por barcaças.

Os políticos capixabas, no fim do século, já tinham perfeita consciência de que, sem o porto, a cidade de Vitória não teria futuro. Mas o Estado não tinha cacife para bancar qualquer obra. Também não tinha força para exigí-las. Por isso, os projetos dos técnicos não saíam do papel. Em 1892, o Governo federal chegou a assinar um contrato de obras no porto de Vitória. Deu em nada. Em 1895, foi feito um projeto de um cais de 1050 metros — comprimento desconcomunal para a época e até para os dias de hoje, em que o cais de Vitória não vai além de 776 metros.

O porto de Vitória começou oficialmente no governo de Jerônimo Monteiro (1908-1912), o primeiro governante capixaba a levá-lo em conta dentro do primeiro grande plano de modernização da capital e do Estado. Desde 1892 o Estado cobrava um tributo para aparelhamento do porto de Vitória. Durante 16 anos, esse recurso foi usado para pagar as dívidas do Estado. Jerônimo Monteiro usou-o para sua finalidade original.

DOCUMENTO  
**ESTADO**

REALIZAÇÃO

**REDE GAZETA  
DE COMUNICAÇÕES**  
JORNAL, RÁDIO E TELEVISÃO (VITÓRIA - ES)

**UFES**  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO  
ESPIRITO SANTO

**Patrocínio**

- Companhia Vale do Rio Doce
- Assembléia Legislativa do Espírito Santo

**Expediente**

**Pesquisa e Textos:** Geraldo Hasse, Linda Kogure, Abmir Aljeus e José Carlos Monjardim Cavalcanti  
**Fotos:** Tadeu Bianconi, Valter Monteiro e Arquivo AG  
**Concepção gráfica:** Sebastião de Vargas  
**Ilustração:** Pater  
**Edição:** Orlando Eller e Geraldo Hasse

**Conselho Editorial**

Universidade Federal do Espírito Santo — Átila José dos Santos e Miguel A. Kill (Didática e Prática do

Ensino); José Antônio Buffon (Economia); Margareth Vetus Zaganelli (História); Noerberto Caus (Geociências); Antônio David Prott (Secretaria de Comunicação) e Giovandro Marcos Ferreira (Comunicação Social).  
Coordenação de Leda Maria Couto Nogueira (Sub-Reitoria Acadêmica).

**Bibliografia**

Siqueira, Penha — O Desenvolvimento do Porto de Vitória 1870-1940, Codesa — Ufes, 1984  
Derenzi, Luiz Serafim — Biografia de Uma Ilha, Pongetti, Rio, 1965  
Araújo Filho, José Ribeiro de — O Porto de Vitória, USP, 1974

AJ13211-3

# Sete cais e um funil

O Espírito Santo é o corredor do Centroleste

**S**ozinho, o porto de Vitória — entendido como o cais situado no município de Vitória — é pequeno, ficando entre os 20 mais movimentados do Brasil. Se a ele for somado o movimento dos cais situados em Vila Velha, na baía da capital (Capuaba e Paul), ao Sul (Ubu) e ao Norte (Tubarão, Praia Mole e Barra do Riacho), temos o maior porto do Brasil, em volume de carga, e o segundo em receita cambial.

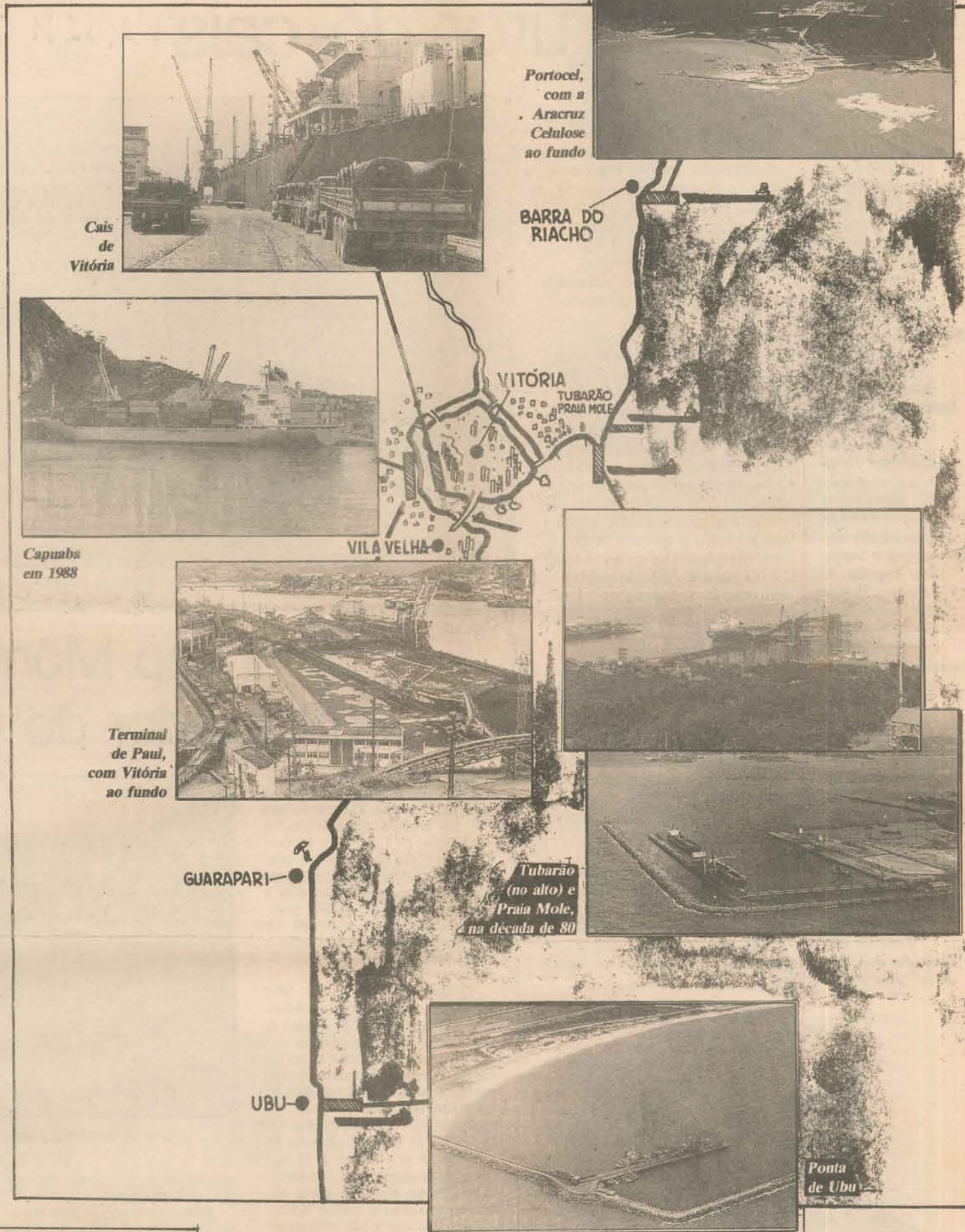
Espalhados por quatro municípios — Vitória, Vila Velha, Anchieta e Aracruz —, os sete portos do Estado constituem o chamado Complexo Portuário do Espírito Santo, administrado pela Codesa mas, na maior parte dos casos, o porto de Barra do Riacho; a Samarco, que usa o píer de Ubu; a Companhia Vale do Rio Doce, responsável por Tubarão; e as empresas siderúrgicas e a própria Vale, que exploram Praia Mole.

Apesar de dispersos, os sete cais do Espírito Santo, predominantemente exportadores, desempenham cada vez mais o papel de um verdadeiro funil por onde são embarcados milhões de toneladas de mercadorias, produzidas no Centro-Oeste e no Sudeste. Desde o início do século passado, quando se construiu a Estrada do Rubim, ligando Vitória ao interior mineiro, já se pretendia transformar o Espírito Santo numa espécie de corredor para a saída de produtos de exportação.

Quase 200 anos depois, esse sonho é uma figura jurídica chamada corredor de Transportes Centroleste. Com escritório em Vitória, ele trabalha para abrir caminho para mercadorias como a soja e outros grãos produzidos em Goiás e no Mato Grosso do Sul.

Tanto em volume como em receita, os maiores portos do Espírito Santo são os de Tubarão e Praia Mole, que embarcam principalmente minério de ferro e produtos siderúrgicos. Entre os bens exportados, os mais antigos são o café e a madeira, embarcados no cais de Vitória. Nos últimos anos, crescem os embarques de blocos de granito e mármore. E firmes são as exportações de pasta de madeira (celulose) pelo porto de Barra do Riacho.

Na importação, o que mais pesa é o carvão desembarcado em Praia Mole. Mas o que mais vale são os veículos europeus que desembarcam em Vitória e são distribuídos a partir do Rio. Também entra por Vitória o malte importado por uma das cervejarias do Brasil.



O complexo portuário do Espírito Santo

Nome	Início de atividade	Calado (m)	Extensão (m)	Tipo de Carga	Movimento em 1991 (10000)
Vitória	1870	5 a 8,60	776	Geral	528
Capuaba	1979	7,80 a 11,50	634	Geral	1930
Paul (Codesa)	1958	9,10	260	Geral	797
Paul (Vale)	1958	9,50	160	Gusa	1.791
Tubarão 1	1966	15,20	390	M.ferro	59
Tubarão 2	1977	20	650	M.ferro	943
Praia Mole	1983	15,50	638	Carvão	7.191
Praia Mole	1984	16,70	730	Aço	5.584
Barra do Riacho	1978	7,80 a 9	230	Celulose	1.048
Ubu	1977	13,50 a 15	626	M.ferro	8.792

Fonte: Codesa e CVRD  
\* Antigo cais da Usiminas

Fazem parte do complexo portuário capixaba os dolphins Atalaia, Esso-Shell (desembarque de combustíveis) e Flexibrás (embarque e desembarque de equipamentos para prospecção de petróleo), todos situados na baía da capital — os primeiros em Paul, Vila Velha, e o último no aterro da ilha do Príncipe, em Vitória; e Regência (embarque de petróleo), situado próximo à foz do rio Doce, no litoral de Linhares.

DOCUMENTO  
**ESTADO**

# Florentino Avidos, construtor do cais

*“Na Rua do Comércio flutuam ao largo saveiros e “pontões” da casa Hard & Cia, carregados de café à espera de navios. As pequenas pontes, construídas sobre estacas de coqueiro, dos clubes Álvaro Cabral (SIC) e Saldanha da Gama, serviam de amarração às lanchas, iates e barcas a vela, de cabotagem, dos municípios litorâneos. Botes com nomes sugestivos e guarnecidos de tapetes esperavam passageiros a tostão para Argolas, S. Carlos, Porto-Velho ou visitas a bordo. Carregadores de toalhas barradas de crochê, enroladas ao pescoço, charlavam nos quiosques, à espera de carros. Canoas do “Marinho”, de Cariacica, e do Lamarão vendiam lenha, frutas, caranguejos, cal, tijolos, areia e água...”*  
Vitória, segundo Luiz Serafim Derezem em “Biografia de Uma Ilha”, em 1908.



**Florentino  
Avidos**

**E**mbora seja conhecido pelas duas pontes que construiu — a da travessia do rio Doce, em Colatina, e a ligação Vitória — Ilha do Príncipe — continente, ambas inauguradas em 1928 —, o presidente Florentino Avidos (1924-1928) foi quem deu ao porto de Vitória suas atuais feições, ao concluir as obras dos cais e construir seus primeiros armazéns.

Cunhado de Jerônimo Monteiro e com pouca vivência na Vitória do início do século, Avidos fazia carreira no Ministério da Agricultura, no Rio, quando foi convocado para assumir o Governo do Espírito Santo. Ao contrário de Jerônimo Monteiro, que iniciara seu governo com as finanças em crise, Florentino Avidos nadou em dinheiro graças aos preços recordes do café.

O homem forte do seu governo foi o engenheiro Moacir Avidos, seu filho mais velho. Mais tarde prefeito de Vitória, Moacir Avidos montou uma equipe de jovens engenheiros conhecida por “jardim da infância”. Com eles fez amplas reformas na cidade de Vitória. Além do cais e da ponte (destinada principalmente a trazer os trens até o porto, coisa que só aconteceria em 1942), Avidos ampliou a rede de água e esgoto, drenou e calçou trechos da cidade, construiu escadarias, abriu estradas para Jucutuquara, Maruípe, Jacaraípe e Carapebus. Pela primeira vez, desde 1910, os imóveis do centro de Vitória sofreram uma valorização graças às obras dos engenheiros Avidos.



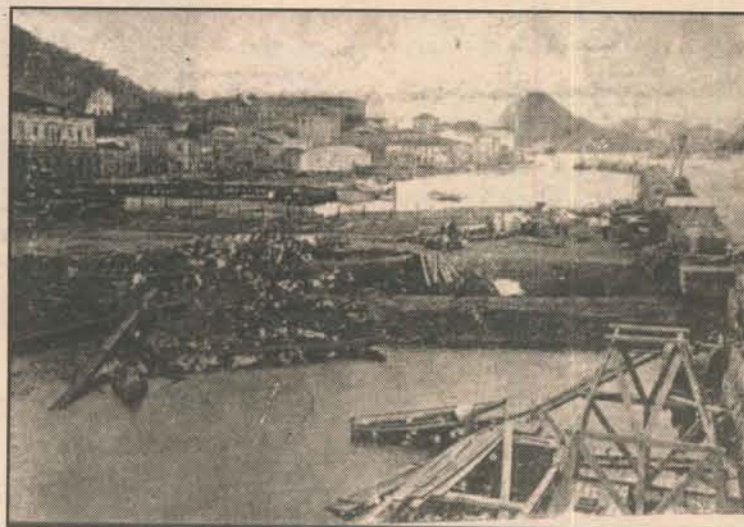
Na década de 20, o crescimento urbano de Vitória exigiu imensos aterros, como este da Avenida Beira-Mar

## Jerônimo Monteiro, o iniciador do porto

**A** pesar de sua longa história, o porto de Vitória só começou a se tornar um porto de verdade em dezembro de 1911, quando tiveram início as obras das atuais instalações. É verdade que não houve tempo para fazer muita coisa, pois a guerra mundial de 1914-1918 praticamente paralisou a economia. Os trabalhos de dragagem do canal e aterro para construção dos cais ficaram no meio.

O contrato assinado em 1910 entre o governo de Jerônimo Monteiro e a empreiteira C.H. Walker & Cia deixara claro pela primeira vez o que se pretendia com o porto da capital. Seriam 1130 metros de cais, com profundidade variando de 4,50 a 8,50 metros. Uma ponta de 399 metros ligando a ilha ao continente. Drenagem da barra na extensão de 1500 metros por largura de 50 metros e profundidade de 8,50 metros. Drenagem do banco do porto nas dimensões 1260m x 150m x 8,50m. Diques de 1225m x 3,20 m de altura e 2,50m de largura. Seis armazéns de 75m x 15m. Estação ferroviária. Equipamentos diversos.

Para incluir o porto no seu projeto de saneamento e melhoramento da capital, o presidente Jerônimo Monteiro tomou um empréstimo na França no valor de 70 milhões de francos e obteve um adoção de 100 mil francos anuais, por quatro anos, do governo de Minas Gerais,



Obras de modernização do porto de Vitória, em 1910

interessado numa saída marítima para seus produtos.

Apesar de governar num período crítico (1908-1912), Jerônimo Monteiro fez muito mais do que iniciar o porto. Ele reformou o sistema educacional, modernizou o centro, construindo o Parque Moscoso (era um brejo, um “foco de contaminação pública”, como se dizia na época), abriu a escola de belas artes, reabriu a biblioteca pública e dobrou de 125 para 271 o número de escolas. Considerado o precursor da interferência do Estado na eco-

nomia, ele iniciou ainda um amplo plano de industrialização na região de Cachoeiro de Itapemirim, sua terra natal.

Embora seja conhecido como o modernizador do Espírito Santo, Jerônimo Monteiro exagerou em certas medidas. Seu maior erro foi desapropriar a igreja de Santiago, uma das construções mais antigas de Vitória, obra dos jesuítas, para a construção do Palácio Anchieta. Pagou 60 contos pela igreja, contraindo com a memória do Estado uma dívida impagável.

Foto de Fábio de Mello Tancredi  
Acervo do Eng. Fábio Tancredi

# A boemia portuária, cada vez mais secreta

**A** vida boêmia associada ao porto de Vitória esteve durante muitos anos confinada ao centro tradicional da cidade, que cresceu em função do movimento existente nos trapiches e depois no cais. Nas últimas décadas, a criação de novos cais, longe do centro, dispersou a boemia, que acompanhou também a própria expansão urbana de Vitória.

A dispersão foi estimulada especialmente por uma medida legal tomada nos idos de 1970 pelo governador Christiano Dias Lopes Filho, que transferiu toda a boemia de Vitória para o bairro de São Sebastião, criado no município da Serra, junto ao bairro de Carapina, para servir aos

interesses da vida noturna da grande Vitória e, especialmente, à demanda por diversões do pessoal tripulante de navios. A transferência foi determinada pelo desejo de modernizar o centro e evitar conflitos entre as polícias que tentavam por ordem na "faixa internacional" próxima ao cais.

São Sebastião era um bairro residencial mas com infra-estrutura de saúde para atender às necessidades de uma vida sexualmente mais permissiva. Durou muitos anos mas também mudou de feição. Hoje São Sebastião chama-se Novo Horizonte, um bairro de classe média que se queixa de problemas como falta de segurança, falta de pavimentação e falta de

esgoto. A boemia acabou por ali. O fim foi decretado pelos motéis e por uma volta à capital.

Atualmente, os mesmos pontos que antes provocavam reclamações no centro voltaram a funcionar como pontos de encontro entre prostitutas e tripulantes de navios. Nas ruas centrais, entre sobrados decadentes, o trottoir é facilitado pela transformação de antigos cinemas em pontos de cine pornô. A prostituição de nível mais sofisticado, que não desfralda bandeiras nas ruas, é exercida em bares e restaurantes do centro, nas casas de massagens ou pelo telefone.

A boemia associada ao porto de Vitória é cada vez menos mundana.



*"A capital capixaba deixa de ser pequena cidade marítima e se transforma em grande porto de minério, de carvão e de siderurgia pesada. Não lhe cabe mais o apelido de Cidade Presépio."*

Luis Serafim Derenz, 1961

## A intimidade do capixaba com os navios

**A** escassa literatura sobre o porto de Vitória faz breves e ligeiras referências à antiga relação do capixaba com os navios que estacionam no centro da cidade. O hermetismo característico do espírito-santense estava de folga quando o professor de Arquitetura e de Urbanismo da Ufes, Fernando Achiamé, registrou no prefácio de **O Desenvolvimento do Porto de Vitória 1870-1940**, de Penha Siqueira, a ancestral ligação cidade-porto. Em apenas um parágrafo, contendo 23 linhas, ele sintetizou diversas cenas que ainda hoje fazem o pano de fundo da cidade de Vitória. É um registro

de tal vivacidade que merece ser transcrito:

"Diferente de outras localidades, a zona portuária vitoriana não está segregada, mas participa diretamente da vida cotidiana do aglomerado. Todos sabem que os navios quase "passeiam" pelas ruas da capital, em estreito contato com seus habitantes. Ocorreu desde sempre uma forte comunicação entre o porto, os navios que trafegam junto da cidade e os vitorianos. Não faz muitos anos ainda existia uma casa no alto do morro do Atalaia, onde um mastro recebia bandeiras, olhadas e comentadas por todos, que informavam sobre a nacionalidade dos navios prestes

a chegar na barra. Quem mora ou trabalha no centro da cidade participa, mesmo sem querer, do movimento diário do porto. Os apitos dos navios chamando os rebocadores para auxiliar na desatracação e se despedindo são um exemplo desta participação.

Apesar da pressa dos nossos dias, quantas pessoas ainda param para observar as embarcações entrando e saindo na baía de Vitória?

Muitos capixabas têm o costume de observar o que está sendo embarcado ou desembarcado no cais, conferindo assim o desenrolar da vida: os sacos de café e cacau, as toras de madeira (agora tão poucas), os equipamentos e máquinas, os produtos siderúrgicos. Vitória é o porto e sem ele não existiria como cidade (pelo menos nos moldes atuais) nem como expressão econômica liderando toda uma vasta região".

## Os maiores portos do Brasil

Em receita cambial US\$ milhões		Em volume de embarque Milhões de toneladas	
Santos	11.189	Vitória	77,0
Vitória	3.726	Itaqui	30,5
Rio	2.794	Rio	16,6
Rio Grande	2.573	Santos	15,4
Paranaguá	2.377	Sepeitiba	14,5
Itaqui	887	Paranaguá	11,5
São Francisco	751	Belém	8,4
Salvador	743	Rio Grande	6,3
Belém	698	Aratu	5,8
Itajai	514	Angra	5,7

Fonte: Relatório da Portobrás relativo ao ano de 1988

## PORTAS ABERTAS DO ESPÍRITO SANTO

Principais mercadorias que passam pelos nossos portos

O que vai	O que vem
Aço	Açúcar
Cacau	Carvão
Café	Borracha
Celulose	Combustível
Ferro gusa	Coque
Granito/mármore	Malte
Madeira	Sal
Máquinas/veículos	Sucata
Minério de ferro	Trigo
Soja e farelo	Veículos

Fonte: Codesa 1991

A213211-6

*Ver, informar, ensinar, refletir, pesquisar, crítica*

## Os mil papéis da Ufes

Entre 1962-91, a Ufes formou 26.471 alunos.

Até julho, estavam matriculados 8.384 estudantes em 34 cursos.

Alguns como Ciência da Computação são tão recentes que ainda não formaram nenhuma turma. O número de funcionários é de 2.202. O de professores, 1.017. Há 80 vagas.

Atualmente, 70% dos docentes da Ufes mantêm dedicação exclusiva.

**D**epois de formar cerca de 1 mil profissionais por ano nas últimas três décadas, a Universidade Federal do Espírito Santo vive hoje uma fase nitidamente renovadora. Com o economista Roberto Penedo na reitoria desde janeiro, criou-se no campus de Goiabeiras um clima de mudança. O objetivo é fazer da Ufes uma universidade aberta e participante.

"Precisamos influir mais", afirma o reitor, convencido de que a Ufes falhou no passado ao dar ênfase à preparação de mão-de-obra para o mercado de trabalho. Além da formação profissional, Penedo quer que a

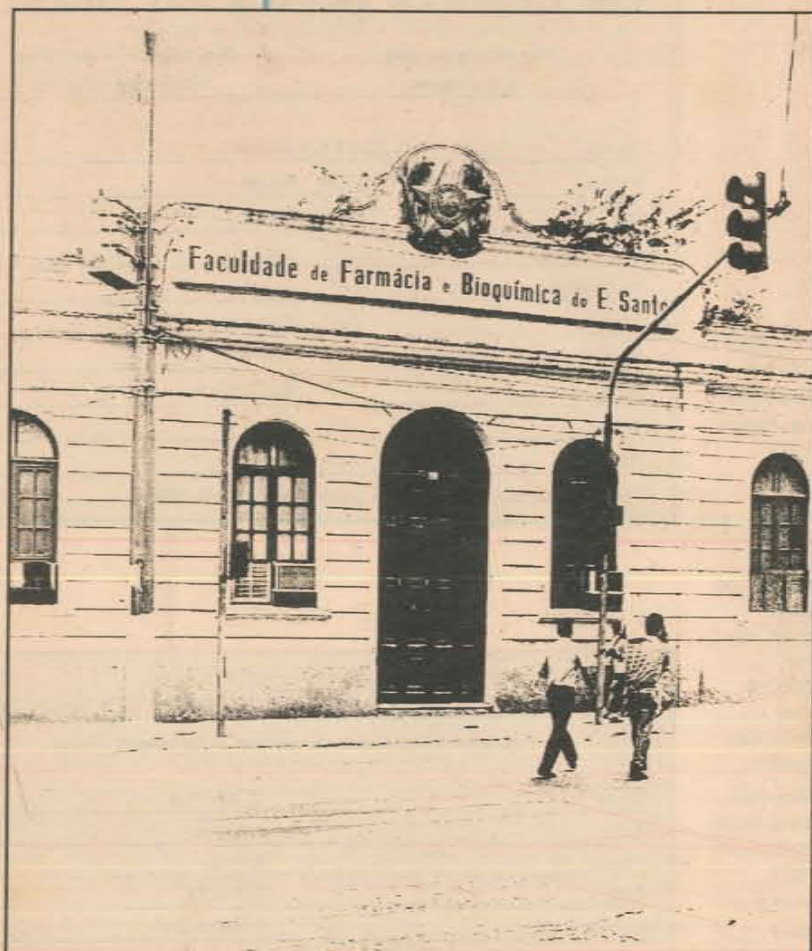
universidade também cuide do aprimoramento sócio-cultural do cidadão existente por trás do estudante. "Estamos formando elites dirigentes", lembra o reitor da Ufes.

A nova mentalidade vigente no campus capixaba resulta de uma reflexão crítica sobre o papel da universidade. E a convicção dos atuais dirigentes da Ufes é a de que ela precisa ser mais ágil e ligada à comunidade para ter condições de exercer influência no desenvolvimento do Estado. Embora reconheça que a Ufes não tenha estudado a fundo questões como a urbanização da Grande Vitória, Penedo cita como um exemplo da mudança o projeto

de desconcentração industrial que o Departamento de Economia está realizando atualmente, com financiamento do Bandes.

Outros sinais de que a universidade capixaba está mudando são as alterações no orçamento, discutido amplamente no campus: o fortalecimento da biblioteca; a quintuplicação da capacidade de processamento de dados dos computadores, neste semestre; e, apesar da crise econômica e da inflação, a disposição de fazer a Ufes andar cada vez mais por suas próprias pernas, sem depender tanto dos recursos do Tesouro Nacional, que ainda paga cerca de 80% das despesas do maior organismo federal do Espírito Santo.

## Começou nos anos 30



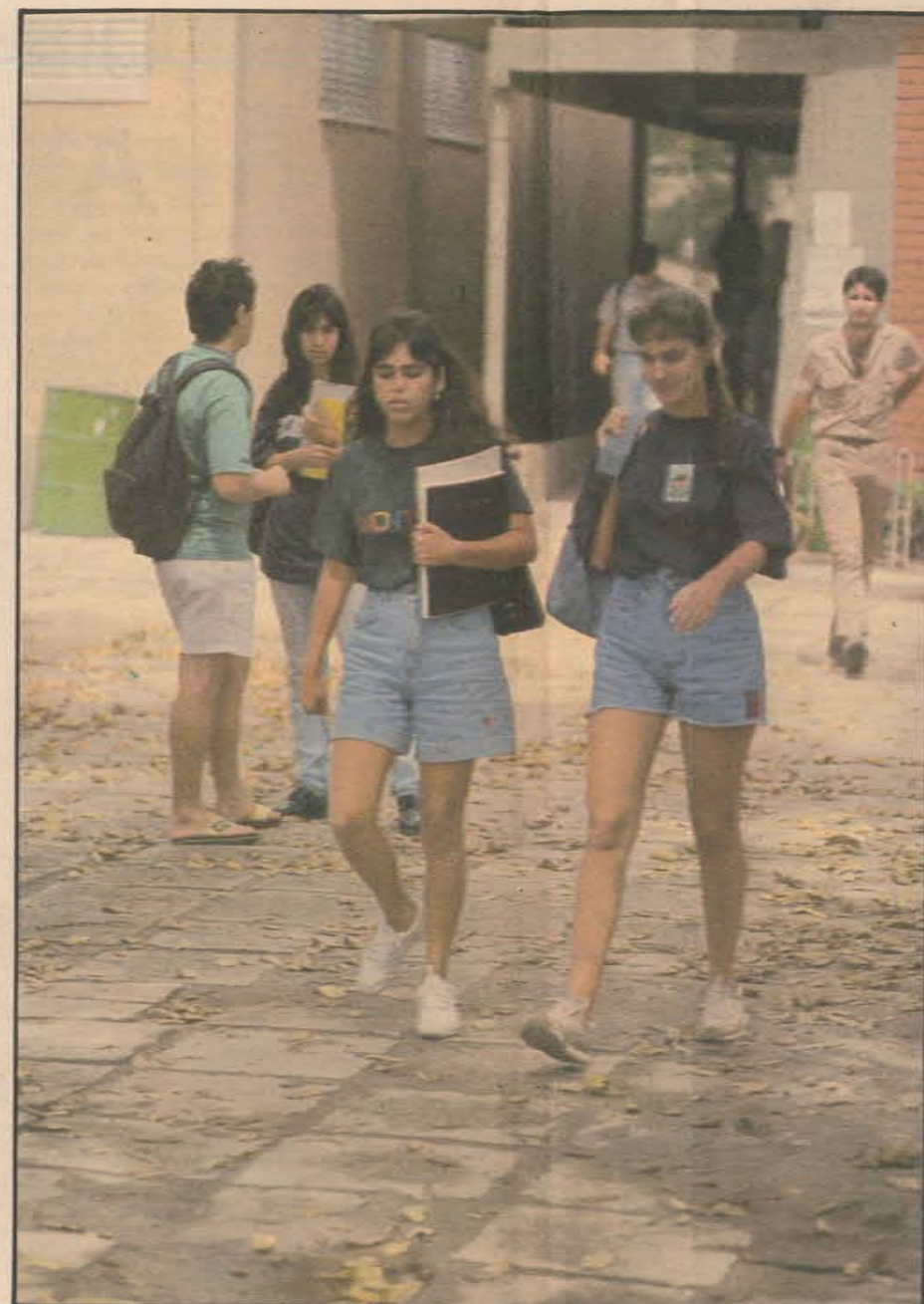
**O** ensino superior foi introduzido no Espírito Santo na década de 30. As primeiras escolas foram as de Farmácia, Odontologia, Direito e Educação Física. Um dos sonhos não concretizados na época foi o da escola de Agronomia e Veterinária, só implantada muitos anos depois.

Com a criação dessas faculdades, respaldadas pela iniciativa privada, pela primeira vez o Espírito Santo oferecia uma alternativa aos filhos da elite capixaba, até então obrigados a escolher entre escolas de Rio, de Salvador ou de Recife. O professor Ivantir Borgo, pesquisador de história da educação no Estado, conta que no final do século passado o governo capixaba dava ajuda de custo aos melhores alunos para fazer o curso superior fora. Até 1884, os estudantes cursavam o

Governo de Jones dos Santos Neves, o ensino superior ganhou novo impulso no Espírito Santo, com a criação da Escola Politécnica, da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, da Escola de Belas Artes, dos Instituto de Música e Tecnologia e da Escola de Auxiliares de Enfermagem.

Em vez da iniciativa privada, agora quem bancava o ensino superior era o governo estadual. O objetivo era criar condições para implantar a universidade, afinal criada em 1954, reunindo as seguintes faculdades e escolas: Filosofia, Ciências e Letras; Medicina; Odontologia; Química; Farmácia; Politécnica; Música e Belas Artes. O primeiro reitor foi Ceciliano Abel de Almeida.

Em 1961, a Universidade do Espírito Santo, pertencente ao Estado, foi incorporada ao



Em clima de desconcentração, os estudantes buscam na Ufes um lugar ao sol

## Orçamento sem gorduras

**A**nova política da Ufes tem deslocado verbas do orçamento para beneficiar as atividades de pesquisa, extensão e ensino. O reitor Roberto Penedo informou que 7,5% do orçamento no ano passado eram investidos em alimentação subsidiada, através do Restaurante Universitário (RU) e, em 92, esses recursos foram reduzidos a 1,4%. Em compensação, a biblioteca teve sua verba aumentada em quase seis vezes já neste ano, ficando com 3% do orçamento.

O corte de despesas, como a redução das diárias a menos da metade, a fixação de apenas 2% do orçamento deste ano — Cr\$ 14.065.981.00,00 — para o RU resultou, entre outros, na criação de 300 bolsas

Em 93, o orçamento da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação contará com 4,43% do montante global dos recursos provenientes do Tesouro Nacional. As pesquisas consumirão 57% deste total, enquanto o ensino de pós-graduação ficará com o restante.

A nova política da Pró-Reitoria de Graduação prevê também para 93 uma análise da demanda de curso superior no Espírito Santo e um perfil do aluno da Ufes. Mais a longo prazo, a universidade pretende fazer uma análise da estrutura ocupacional do mercado para descobrir as novas profissões emergentes.

A Ufes mantém cinco cursos de licenciatura abertos em São Mateus e Nova Venécia. É um pioneirismo em dificuldades. O reitor Roberto Penedo admite não estar

Até julho, estavam matriculados 8.384 estudantes em 34 cursos. Alguns como Ciência da Computação são tão recentes que ainda não formaram nenhuma turma. O número de funcionários é de 2.202. O de professores, 1.017. Há 80 vagas. Atualmente, 70% dos docentes da Ufes mantêm dedicação exclusiva.

# Os mil papéis da Ufes

Depois de formar cerca de 1 mil profissionais por ano nas últimas três décadas, a Universidade Federal do Espírito Santo vive hoje uma fase nitidamente renovadora. Com o economista Roberto Penedo na reitoria desde janeiro, criou-se no campus de Goiabeiras um clima de mudança. O objetivo é fazer da Ufes uma universidade aberta e participante.

“Precisamos influir mais”, afirma o reitor, convencido de que a Ufes falhou no passado ao dar ênfase à preparação de mão-de-obra para o mercado de trabalho. Além da formação profissional, Penedo quer que a

universidade também cuide do aprimoramento sócio-cultural do cidadão existente por trás do estudante. “Estamos formando elites dirigentes”, lembra o reitor da Ufes.

A nova mentalidade vigente no campus capixaba resulta de uma reflexão crítica sobre o papel da universidade. E a convicção dos atuais dirigentes da Ufes é a de que ela precisa ser mais ágil e ligada à comunidade para ter condições de exercer influência no desenvolvimento do Estado. Embora reconheça que a Ufes não tenha estudado a fundo questões como a urbanização da Grande Vitória, Penedo cita como um exemplo da mudança o projeto

de desconcentração industrial que o Departamento de Economia está realizando atualmente, com financiamento do Banes.

Outros sinais de que a universidade capixaba está mudando são as alterações no orçamento, discutido amplamente no campus: o fortalecimento da biblioteca; a quintuplicação da capacidade de processamento de dados dos computadores, neste semestre; e, apesar da crise econômica e da inflação, a disposição de fazer a Ufes andar cada vez mais por suas próprias pernas, sem depender tanto dos recursos do Tesouro Nacional, que ainda paga cerca de 80% das despesas do maior organismo federal do Espírito Santo.

## Começou nos anos 30

O ensino superior foi introduzido no Espírito Santo na década de 30. As primeiras escolas foram as de Farmácia, Odontologia, Direito e Educação Física. Um dos sonhos não concretizados na época foi o da escola de Agronomia e Veterinária, só implantada muitos anos depois.

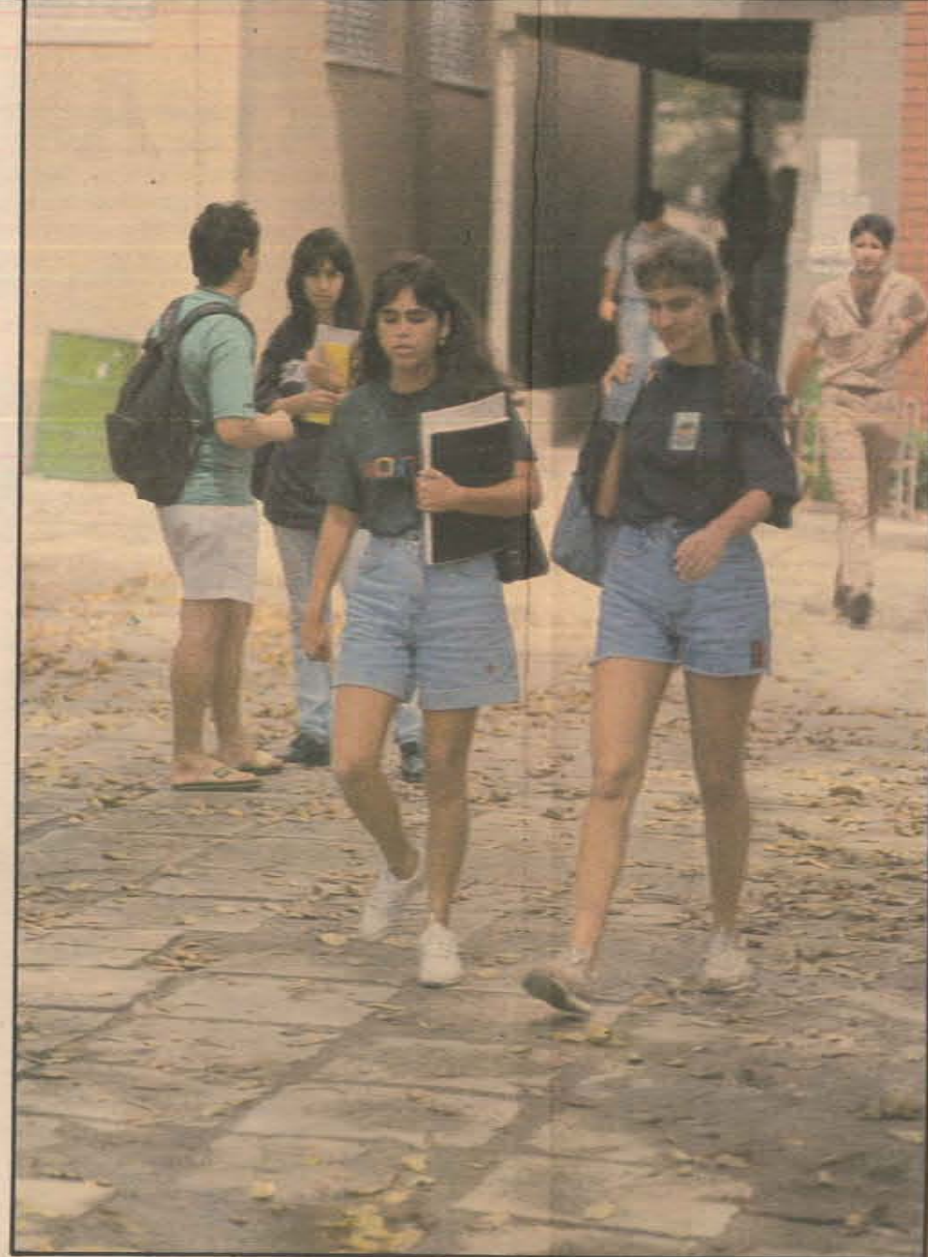
Com a criação dessas faculdades, respaldadas pela iniciativa privada, pela primeira vez o Espírito Santo oferecia uma alternativa aos filhos da elite capixaba, até então obrigados a escolher entre escolas de Rio, de Salvador ou de Recife. O professor Ivantir Borgo, pesquisador de história da educação no Estado, conta que no final do século passado o governo capixaba dava ajuda de custo aos melhores alunos para fazer o curso superior fora. Até 1884, os estudantes cursavam o Liceu Provincial para fazer uma espécie de vestibular da época. Havia três opções: Direito, Medicina e Engenharia, esta ministrada pela Escola Militar, no Rio.

**Governo Jones**  
A partir de 1951, no

Governo de Jones dos Santos Neves, o ensino superior ganhou novo impulso no Espírito Santo, com a criação da Escola Politécnica, da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, da Escola de Belas Artes, dos Instituto de Música e Tecnologia e da Escola de Auxiliares de Enfermagem.

Em vez da iniciativa privada, agora quem bancava o ensino superior era o governo estadual. O objetivo era criar condições para implantar a universidade, afinal criada em 1954, reunindo as seguintes faculdades e escolas: Filosofia, Ciências e Letras; Medicina; Odontologia; Química; Farmácia; Politécnica; Música e Belas Artes. O primeiro reitor foi Ceciliano Abel de Almeida.

Em 1961, a Universidade do Espírito Santo, pertencente ao Estado, foi incorporada ao sistema federal de ensino superior. Desde então tem a denominação de Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). O primeiro reitor nomeado foi Manoel Xavier Paes Barreto, que recebeu o cargo de Jair Dessaune.



Em clima de desconcentração, os estudantes buscam na Ufes um lugar ao sol

## Orçamento sem gorduras

A nova política da Ufes tem deslocado verbas do orçamento para beneficiar as atividades de pesquisa, extensão e ensino. O reitor Roberto Penedo informou que 7,5% do orçamento no ano passado eram investidos em alimentação subsidiada, através do Restaurante Universitário (RU) e, em 92, esses recursos foram reduzidos a 1,4%. Em compensação, a biblioteca teve sua verba aumentada em quase seis vezes já neste ano, ficando com 3% do orçamento.

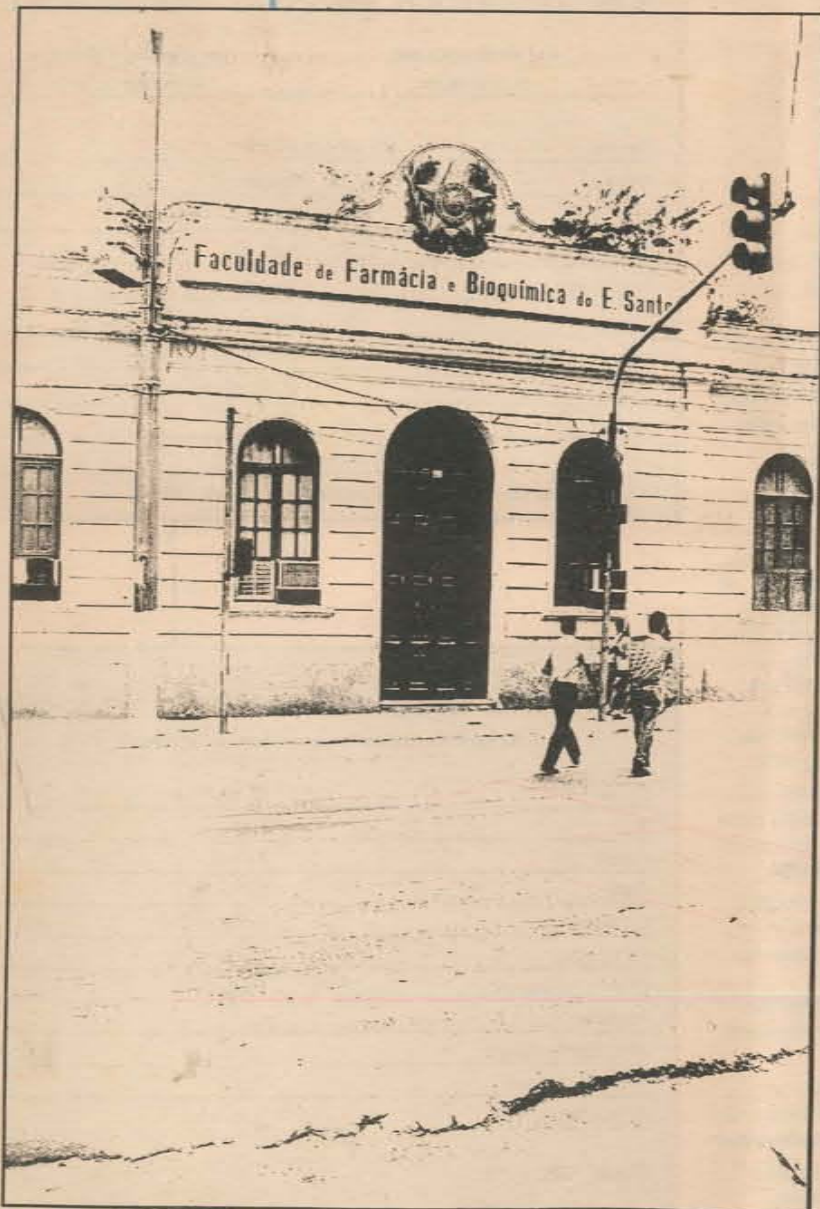
O corte de despesas, como a redução das diárias a menos da metade, a fixação de apenas 2% do orçamento deste ano — Cr\$ 14.065.981.00,00 — para o RU resultou, entre outros, na criação de 300 bolsas de estudo para os acadêmicos da Ufes. O único critério de seleção usado é o desempenho dos alunos (as notas).

Neste ano, foram destinados mais de Cr\$ 200 milhões para a compra de novos livros para a biblioteca da Ufes. Além disso, o parque de informática da universidade será duplicado em apenas seis meses. Até o final de 92, ele terá sua capacidade de processamento de informações quintuplicada.

Em 93, o orçamento da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação contará com 4,43% do montante global dos recursos provenientes do Tesouro Nacional. As pesquisas consumirão 57% deste total, enquanto o ensino de pós-graduação ficará com o restante.

A nova política da Pró-Reitoria de Graduação prevê também para 93 uma análise da demanda de curso superior no Espírito Santo e um perfil do aluno da Ufes. Mais a longo prazo, a universidade pretende fazer uma análise da estrutura ocupacional do mercado para descobrir as novas profissões emergentes.

A Ufes mantém cinco cursos de licenciatura abertos em São Mateus e Nova Venécia. É um pioneirismo em dificuldades. O reitor Roberto Penedo admite não estar recebendo apoio financeiro dos governos federal e estadual para a interiorização da universidade, determinada pela Constituição de 1988. No âmbito estadual, a Lei 4.532 publicada em 5 de março de 1992 obriga o governo a destinar recursos para esse fim. Os municípios de São Mateus e Nova Venécia estabeleceram a destinação de 2% e 3% de suas receitas, respectivamente, para ajudar na manutenção dos cursos universitários no norte capixaba.



Ainda situada no centro tradicional, a Faculdade de Farmácia foi das primeiras

AD13211-7

# criticar, formar, planejar, rever

## Ufes tem doutorado em 93

**A**lertada por uma pesquisa da Sociedade Brasileira de Fisiologia, que detectou uma carência de profissionais dessa área no país a Ufes programou para 1993 o início do seu primeiro curso de doutorado — em Fisiologia Cardiovascular. Faltam a aprovação do Ministério da Educação e a verba acertada com a Finep — Financiadora de Estudos e Projetos, que se comprometeu e financiar o curso.

Com a criação de cursos de pós-graduação em nível de especialização, mestrado e agora doutorado, a Ufes está invertendo o fluxo de circulação de profissionais de nível superior no Espírito Santo. Até 1978, quando foi criado o primeiro mestrado (em Educação), os formandos da Universidade Federal do

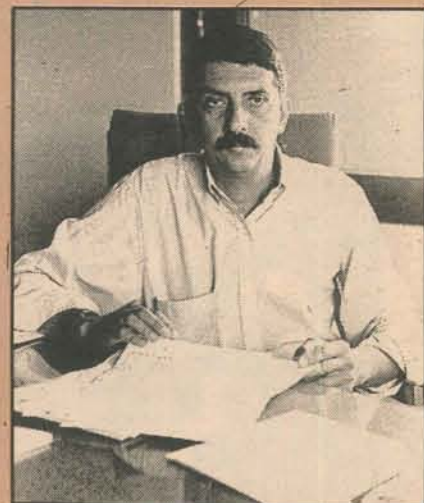
Espírito Santo eram obrigados a mudar-se para outras cidades em busca de melhor formação ou aperfeiçoamento. Agora, atrai forasteiros.

Atualmente há 120 alunos matriculados nos seis cursos de mestrado oferecidos pela Ufes. Além de Educação, funcionam os de Engenharia Ambiental e Elétrica (Automação), Fisiologia Cardiovascular, Física e Psicologia — os dois últimos abertos este ano. Em 1993 será iniciados mais quatro cursos de mestrado: Economia, Computação, Biologia e Biologia Ambiental. A duração vai de um a quatro anos.

Mais de 60% capixabas, os estudantes de mestrado da Ufes são na maioria bolsistas. Em setembro, a bolsa era de 2.190.000 cruzeiros, por mês, dinheiro proveniente da Capes — Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de

Ensino Superior do CNPq — Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, e do Bandes — Banco de Desenvolvimento Econômico do Espírito Santo. Exige-se dos bolsistas dedicação integral ao curso.

A situação é inversa nos 17 cursos de especialização, onde os alunos, na maior parte dos casos, é que bancam o custeio. Com duração variando de seis meses a um ano, eles preenchem necessidades temporárias ou atendem a oportunidades ocasionais, segundo as demandas do mercado. Os únicos oferecidos com regularidade — todos gratuitos — são os de Endodontia e Residência Médica em Clínica Geral, Cirurgia, Obstetrícia, Anestesiologia e Saúde Comunitária.



Roberto Penedo

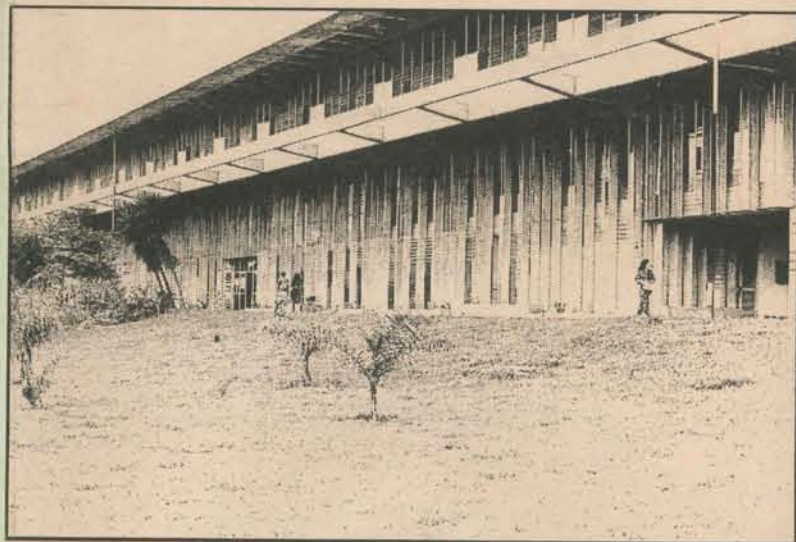
## Perder o medo de mudar

A Ufes está hoje desafiada a enfrentar, com competência e dedicação, seu compromisso com o futuro. Compromisso com um ensino de qualidade, sintonizado com as necessidades das novas gerações; compromisso em responder, por meio das atividades de pesquisa e extensão, às questões colocadas pela realidade do Espírito Santo, do Brasil e do mundo.

A época do dinheiro, do discurso e das coisas fáceis acabou. A tarefa que temos pela frente é difícil e trabalhosa. E os recursos são escassos. Invertamos prioridades. Hoje, o importante é colocar livros na biblioteca, computadores onde for preciso e qualificar nossos servidores. É nessa direção que estamos trabalhando.

É preciso, no entanto, que todos, professores, funcionários e por que não, alunos abram os olhos para encarar de frente a realidade do mundo contemporâneo. Um dos papéis decisivos da Universidade é o da crítica. Para que ela cumpra este papel integralmente, será bom que cada um abandone o temor à crítica e à avaliação. E que olhe a realidade de frente e a encare sem medo. Preservando o compromisso com o futuro.

\* Roberto Penedo é reitor da Universidade Federal do Espírito Santo



Ocupando o maior prédio do Campus de Goiabeiras, a Biblioteca é favorecida no orçamento da Ufes

## Estendendo a mão à comunidade

**D**e 1991 para 1992, as atividades de extensão aumentaram de 0,58% para 3% na participação do orçamento da Ufes. Embora pareça pequena, essa quintuplicação de recursos é uma prova de que a Universidade está ampliando o seu trabalho para se envolver nas questões educacionais, de saúde, do meio ambiente e do sistema produtivo do Espírito Santo.

“A dívida da universidade nessa área é muito grande e a extensão é a porta de saída para encontrarmos a realidade que aí está”, afirma Klinger Marcos Barbosa Alves, pró-reitor de Extensão. Sem contar eventos menores, a Ufes oferece atualmente 40 cursos de extensão e quase 100 projetos à comunidade capixaba. Entre eles destacam-se encontros, seminários, assessorias, treinamentos e diversas atividades que representam uma nova demanda por extensão — fora da graduação, pós-graduação e doutorado.

Graças à ampliação do trabalho

da extensão, começa a ficar para trás a idéia de que o estágio de final de curso seria a principal e única forma de ligação com a comunidade. “O estágio é apenas uma das formas de extensão”, explica Klinger, lembrando que a extensão universitária criou imagem assistencial (ista) por dedicar-se principalmente ao Projeto Rondon, ao Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária (Crutac) e ao Campus Avançado de Parnaíba, no Piauí.

### Barreiras

Embora mais bem provida de recursos, a Pró-Reitoria de Extensão não tem o suficiente para atender a toda a demanda existente. Por isso, uma das saídas tem sido a de fazer programas em conjunto com prefeituras, indústrias, associações e entidades interessadas.

Outro problema é a falta de pessoal. De acordo com Klinger

Alves, a Ufes não tem gente especializada em áreas como o turismo e a pesca, importantes na comunidade capixaba. O mesmo ocorre nas áreas de saúde e educação, nas quais é muito grande a procura. Para atender às necessidades da extensão, a Pró-Reitoria conta com alunos e professores.

Um dos projetos mais antigos da Ufes, iniciado em 1974, é o de aconselhamento de casais com problemas de hereditariedade, consanguinidade e frequência de abortos. O trabalho é coordenado pelos professores Déa Martins da Silva e Carlos Rogério Mello da Silva.

Outros trabalhos realizados pela Pró-Reitoria de Extensão incluem programas de alfabetização, treinamento com crianças de 4 a 12 anos no município de Castelo e consultoria para a inclusão da disciplina de Filosofia nas escolas de segundo grau da rede estadual de ensino.



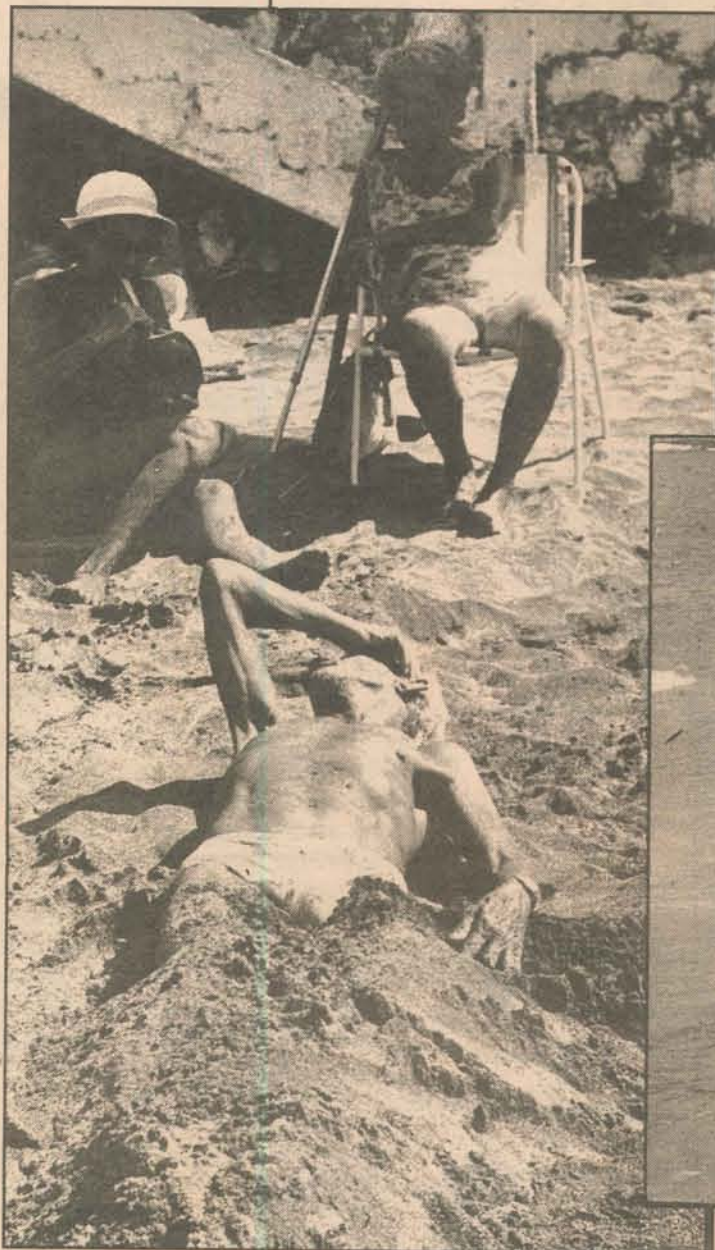
# Nosso turismo nasceu de um roubo

**V**ocê já ouviu falar dos misteriosos navios que, para não navegarem vazios, faziam lastro de areia nas praias do Espírito Santo? Mas o carregamento não era feito em qualquer lugar e, sim, num ponto específico, próximo de Setiba, em Guarapari.

Por mera curiosidade, descobriu-se que as areias eram monazíticas. Ou seja, possuíam radioatividade e eram provavelmente usadas pelas superpotências para fabricação de artefatos atômicos. Então, um grande movimento, que envolveu inclusive o Congresso Nacional, suspendeu a

retirada do produto.

Guarapari, então, passou a ser importante. Pode-se dizer que, deste roubo, o Espírito Santo virou pólo turístico. Nas matérias seguintes, o jornalista José Carlos Monjardim Cavalcante conta a história.



*Turistas enfiados na areia, em busca da saúde: cena antiga que se repete ainda na Guarapari moderna*

## A história começa em 38

**E**nquanto muitos passaram a conhecer Guarapari como estação de cura, a partir de 1938, graças aos artigos semanais publicados na grande imprensa do país e assinados pelos professores Silva Mello e Aguiar Puppo, uns poucos se aproveitavam das riquezas minerais de Guarapari, num verdadeiro crime de lesa-pátria.

Antes da explosão turística, se instalara em Guarapari a Mibra, uma empresa multinacional presidida pelo magnata Boris Davidovitch, cuja única operação comercial era explorar os materiais de larga utilização no preparo de bombas atômicas. Durante anos e anos esta empresa nociva, que tinha matriz em Nova Iorque, fornecia materiais estratégicos, sustentando os arsenais

da segunda guerra mundial.

As areias monazíticas — de alto poder radioativo — destacadamente a monazítica, a ilmenita e o zircônio — eram levadas criminosamente como “lastro” para os navios das grandes potências, negociada a carga em dólares. E por aqui ninguém se dava conta daquela ação criminosa, que durante anos e anos era responsável por enormes crateras ao longo do litoral de Guarapari e, sobretudo, pelo atentado continuado ao maior patrimônio mineral do Estado e do país.

De 1938 a 1950 e Mibra exportou milhões de dólares em materiais estratégicos, ludibriando as autoridades e cometendo um crime monstruoso contra o patrimônio nacional, sem nada pagar ao Estado

e ao país, além de comprometer irremediavelmente o patrimônio ecológico da área.

E a “exportação” continuou, mesmo depois da guerra, sem que as autoridades se dessem conta daquela criminosa atividade. E a justificativa era, sempre, a necessidade de lastro para os navios. Afinal, afirmava Davidovitch — aquilo era apenas areia lavada, sem qualquer valor.

Somente por volta de 1950 é que uma ação enérgica, corajosa e tida, inicialmente, como manobra de comunistas, levantou o Estado e até o país para a gravidade daquela situação. A criação da Comissão Nacional de Energia Nuclear, que nasceria depois, acabou aceitando a tese dos capixabas, que era levada a praça pública, com garra e espírito de brasilidade, pelo então vereador Manoel Moreira Camargo, que teve a apoiá-lo naquela cruzada histórica, o engenheiro Heitor Façanha de Sá, então vinculado ao Ministério da Agricultura, ministério responsável pelas jazidas minerais do país.

Manoel Moreira Camargo

promoveu grandes concentrações populares, levando milhares de capixabas às ruas e fazendo comícios contra a exploração das nossas jazidas de areias monazíticas, criminosamente abastecendo os arsenais das grandes potências, com material radioativo de primeira qualidade.

A luta de Moreira Camargo ultrapassou as fronteiras do Estado, despertando a grande imprensa do Rio e São Paulo e o próprio Congresso Nacional, provocando a formação de uma nova consciência sobre a questão, com a criação de legislação mais severa e policiamento ostensivo e eficiente, principalmente sobre as atividades da Mibra, em Guarapari.

Graças a esta luta, logo depois a Mibra fechou suas portas em Guarapari, encerrando suas atividades no país, regressando o magnata Boris Davidovitch aos Estados Unidos.

Hoje a exploração desta fantástica riqueza mineral está rigorosamente sob controle federal, na área de segurança nacional.

A13210-9

# A tranquilidade dos cachorros

**P**or volta de 1935 chegava a Guarapari o cientista, médico e professor Antônio Silva Mello, formado pelo Instituto de Radium de Berlim, onde chegou a assistente da cadeira que estudava os efeitos biológicos da radioatividade sobre o organismo animal.

Da sua experiência alemã, durante quatro anos, em plena etapa da primeira guerra mundial, o professor Silva Mello publicou em jornais e revistas especializadas inúmeros trabalhos de sua especialidade, principalmente levando em conta o alto poder radioativo das areias monazíticas sobre algumas enfermidades de cunho reumático.

Mas, a experiência do velho e saudoso mestre, cimentada em convivência com algumas das maiores autoridades mundiais em radioatividade, acabou dormindo um longo sono de mais de 15 anos. O contato com Guarapari, feito por acaso e por recomendação de alguns clientes, despertou em Silva Mello o velho sonho, tão logo chegou a Guarapari pela primeira vez, em 1935.

Silva Mello encontrava na então pequena e desconhecida península, tudo aquilo que ele conhecia de laboratórios, em estado natural, como verdadeira dádiva da natureza e, ainda completamente inexplorada, ausentes das preocupações da ciência e dos Governos.

Naquele tempo Guarapari era uma vila de palhoças, habitada por pacatos e sonolentos pescadores. Tudo ali era infinitamente belo nos seus contornos, na sua paisagem, nas praias imensas e vazias.

De porta em porta, de descoberta em descoberta, Silva Mello foi ampliando suas amizades e, indiretamente, suas pesquisas. Ficou sabendo que os cachorros de Guarapari eram diferentes de todo os demais cachorros. Estavam sempre, à sombra das castanheiras, cevados e em estado de hibernação precoce, dormindo tranquilamente e incapazes de um só gesto de agressividade, mesmo se provocados. Tudo se explicava pelo fato dos cachorros

ficarem quase ao nível do chão, recebendo os efeitos da balsâmica radioatividade.

A população era longeva. Tinha excelente saúde. Nasceu da observação o fato pitoresco de que o cemitério de Guarapari, para que fosse inaugurado, teve que "encomendar" um defunto em Anchieta.

Foi a partir das pesquisas do professor Silva Mello e dos artigos e comentários feitos na imprensa nacional que Guarapari ganhou toda a sua fama de balneário de projeção internacional, chamando a atenção dos círculos médicos e científicos pela salutar e balsâmica qualidade de sua radioatividade e do potencial iodado de suas águas.

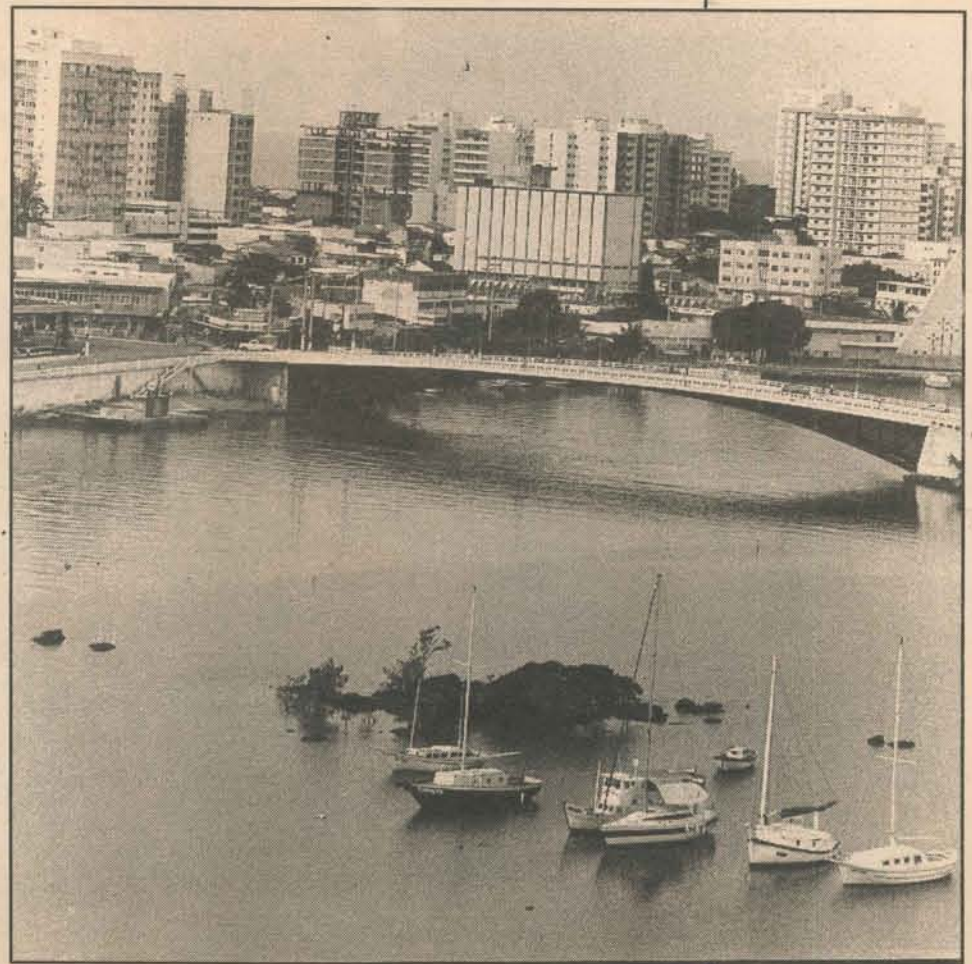
Durante mais de 30 anos, o professor Silva Mello — verdadeiro descobridor da região como balneário de inestimável valor terapêutico e medicinal — foi assíduo frequentador de Guarapari, realizando suas pesquisas e colhendo material para subsidiar um livro que pretendia escrever, revelando cientificamente o alto poder de cura das areias radioativas.

Finalmente, Silva Mello conseguiu publicar o seu **Guarapari — Maravilha da Natureza**, com o apoio do então jornalista João Calmon, diretor dos **Diários Associados**. Tivemos oportunidade, quando presidimos a Emcat, de valorizar e lançar com grande sucesso toda a edição que adquirimos, levando-a a muitos médicos, especialistas e estudiosos nacionais e internacionais, além de uma profunda penetração em toda a imprensa, criando uma verdadeira mística sobre o famoso balneário.

Hoje esta obra insubstituível — da qual guardo um exemplar carinhosamente autografado pelo saudoso acadêmico e professor — está esgotada. Lamento que o Governo do Estado, até agora e depois da primeira e única edição, não tenha tido a visão de mandar reeditar, com algumas adaptações, o livro de Silva Mello, para relaná-lo em nível nacional em promoção especial, como um esforço de redescoberta das virtudes medicinais e estimulantes do **radioclima** de Guarapari.



Como faziam seus avós, as jovens captam energia da ilmenita



A imagem bucólica de Guarapari foi construída sobre as areias radiativas

## A importante fonte de cura

**A**s areias radioativas de Guarapari, famosas em todo o mundo, são compactas e pesadas, caracterizadas por duas cores: amarela e preta.

A monazítica é a amarela. Tem este nome por ser única em seu gênero. Sua composição — segundo descrição técnica — apresenta óxido de tório, do qual se extrai o hélio e, principalmente, outros elementos empregados no processo de desintegração atômica — radium e urânium. No caso específico de Guarapari, estas substâncias são muito eficazes no tratamento de afecções articulares e reumáticas.

A ilmenita — areia preta — tem na sua composição o titânio, o ferro magnético e o zircônio e está sempre acompanhada de rutilo, hematita, quartzo e zircônio.

Destas fontes de energia vivificante nasce toda a atmosfera de bem-estar e saúde que cerca Guarapari. Os índices de radiação são encontrados com maior intensidade nas praias, mas existem também, em índices variáveis, nas ruas, nas casas, nos hotéis e nas praças. Sua intensidade mais sensível fica na altura de um metro do solo.

As emanações benéficas que se irradiam das areias e do ambiente de Guarapari são geradas da desintegração do rádio, do tório e do actíneo. Elas são puramente físicas e produzem raios alfa, de grande energia cinética, como testemunha o professor Silva Mello. São os efeitos dessas emanações que aumentam a atividade do metabolismo celular, estimulando secreções internas, regularizando a pressão sanguínea e favorecendo a eliminação do ácido úrico, além de provocar uma ação sedativa do sono e do estado de equilíbrio e tranquilidade geral do organismo.

O professor Aguiar Puppo — outro grande estudioso da influência balsâmica da radioatividade de Guarapari — afirma que a radioatividade artificial é que é nociva ao homem. Prejudicial à saúde e à vida é a que o homem provoca, com expe-

riências atômicas, deflagrando guerras, catástrofes, numa verdadeira alucinação suicida. A radioatividade de Guarapari, portanto, deve ser considerada uma das mais benéficas e prodigiosas do mundo.

Os cientistas declaram que o tratamento em Guarapari é indicado nos casos de reumatismo articular e muscular, artrite deformante de diferentes etiologias, de nevralgias, mialgias e enfermidades musculares, alergias, doenças do sistema nervoso, gota, anemia, insônia, inapetência e perturbações digestivas. Da mesma forma, é eficiente no tratamento de depauperamento e rejuvenescimento orgânico.

Para que se possa ter uma idéia da importância do imenso potencial de Guarapari como estação de cura e vivificação — nem sempre aceito pelas administrações como instrumento de valorização da vida e, conseqüentemente, do desenvolvimento turístico — será bastante afirmar que na Áustria, na localidade de **Bad Gastein**, que é considerado o mais célebre do mundo em cura pela radioatividade, o tratamento é profundamente complicado. Ele é feito numa velha mina abandonada, que fica a centenas de metros do solo, tendo os pacientes que se deslocar em comboios com camas e cadeiras, ali permanecendo por algumas horas, voltando em seguida para os hotéis, depois de longa viagem até o centro da cidade mais próxima.

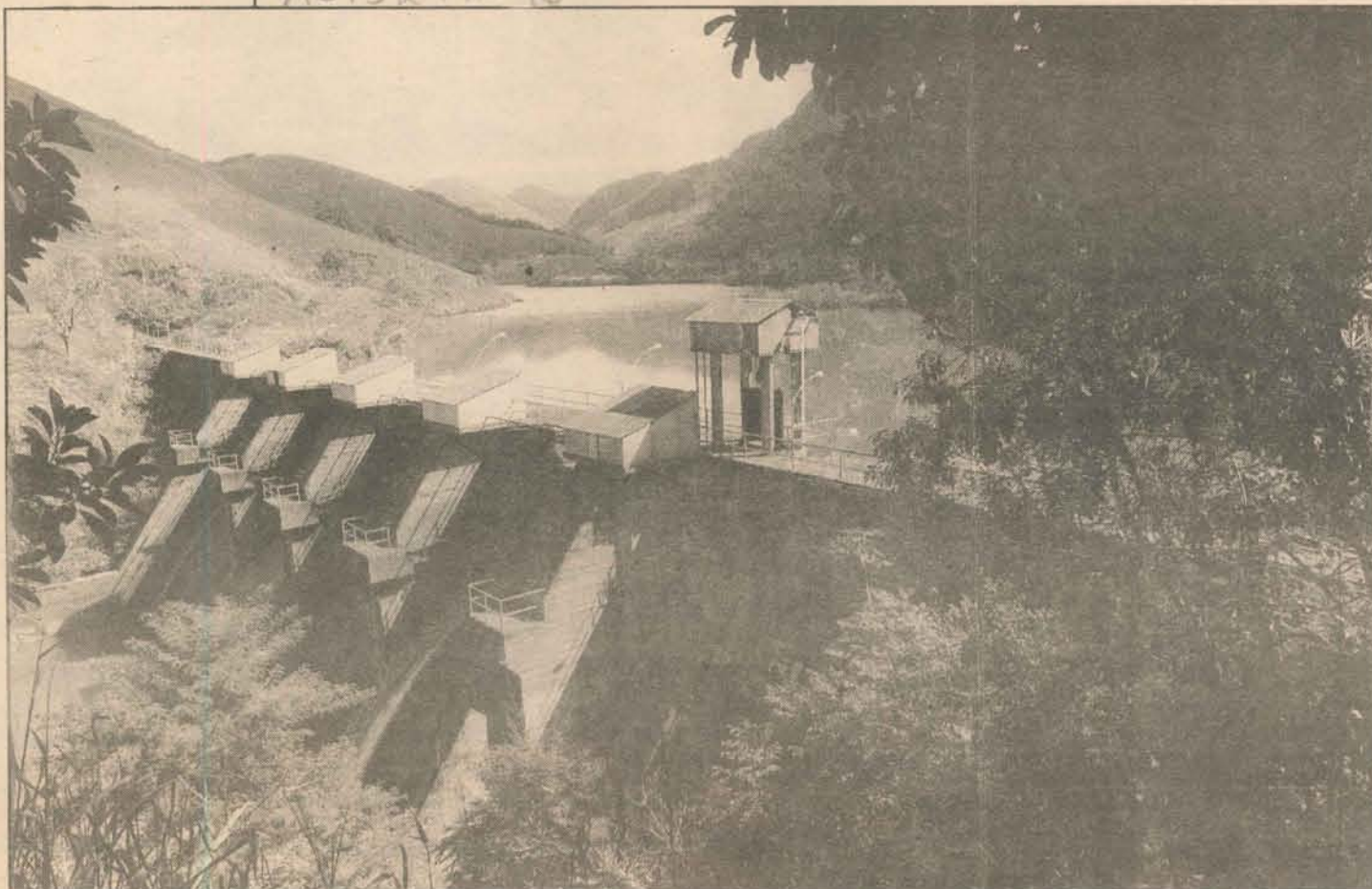
Comparativamente, Guarapari é uma verdadeira maravilha da natureza. O visitante fica em contato direto e permanente com a radioatividade, que está em toda parte, de braços dados com o sol, o mar e um radioclima sem similar no mundo.

Em razão de seus estudos o professor Silva Mello escreveu no seu livro:

"Dei-me conta de que me encontrava diante de qualquer coisa de singular e extraordinário, que estava longe de suspeitar pudesse existir na superfície de nosso planeta".

# JK não olhou para Vitória

AJ13211-10



A Hidrelétrica de Suíça, no rio Santa Maria, foi construída com recursos da indenização da antiga Leopoldina Railway



Já fora da Presidência da República, Juscelino Kubitschek visita o Espírito Santo em 1963 e é recebido pelo então governador Francisco Lacerda de Aguiar, o Chiquinho

**E**mbora tenha colocado o país de frente para o Oeste, tirando do Rio a roupagem de capital da República, o presidente Juscelino Kubitschek não prejudicou mas também não beneficiou o Espírito Santo, o único Estado do Sudeste a não receber nenhum projeto do programa de industrialização do governo.

Se São Paulo foi beneficiado com a indústria automobilística, o Rio de Janeiro com a indústria naval e Minas Gerais com siderúrgicas, o Espírito Santo só poderia se contentar com a vaga promessa de que, um dia, quem sabe, o Porto de Vitória poderia ser o corredor do transporte de tudo que os vizinhos produzissem.

Juscelino Kubitschek não discriminava o Espírito Santo, tanto que nomeou o capixaba Eurico de Aguiar Salles como seu ministro da Justiça. Foi um dos primeiros atos do seu governo. Um dos últimos foi a criação de faculdades que integrariam a futura Universidade Federal do Espírito Santo.

## Incentivos

O clima de euforia capitalista no país quase provocou baixas no Espírito Santo. Atraídos por isenções fiscais em outros Estados, duas indústrias capixabas ameaçaram bater as asas para outros lugares. Para não perdê-las, o governo de Carlos Lindenberg (1958-62) criou a primeira lei de incentivos fiscais do Espírito Santo, um mecanismo que, a partir daí, seria crescentemente usado, dando origem ao que mais tarde ficaria conhecido por "leilão de incentivos".

Outro benefício indireto colhido pelo Espírito Santo do Governo JK foi a possibilidade de investir em estradas e energia, duas das metas do presidente que construiu a Belém-Brasília e iniciou a moderna era das grandes hidrelétricas. A fonte dos recursos foi a indenização paga ao Estado pela desapropriação da antiga Leopoldina Railway, a ferrovia Vitória-Rio.

Com o dinheiro, o Governo do Estado construiu duas estradas vicinais importantes: a Cachoeiro-Guaçu e a Colatina-Barra de São Francisco. Além disso, viabilizou o apoio financeiro à construção da Usina Suíça, no rio Santa Maria, que prometia produzir 60 mil quilowatts/hora numa época em que a maior usina, a Rio Bonito, não produzia mais que 18 mil.



## Vitória curti a bossa nova

**D**a efervescência cultural que marcou os últimos anos da década de 50, o Espírito Santo consumiu especialmente a bossa nova, que renovou o samba do Brasil. Alguns cabeças da renovação musical iniciada no Rio vinham fazer show em Vitória e iam ficando, por amizade e curtição, chegando a permanecer semanas em Vitória ou nas praias próximas.

Carlos Lindenberg Filho, que deixou o Rio para trabalhar

no gabinete de seu pai, governador entre 1958 e 1962, lembra que o chamado pessoal da bossa nova que mais frequentava Vitória eram Luizinho Eça, Ronaldo Bôscoli, Elcio Milito, Maísa, Bebeto e Roberto Menescal, capixaba autor de **Barquinho**, um dos primeiros sucessos da nova moda musical.

Como resultado do intercâmbio com os músicos cariocas naquele final de década de 50, a vida noturna capixaba mantém o hábito de cultivar não só a

bossa nova, mas seus parentes mais próximos, como o jazz, o blues e o próprio samba. Naquele período surgiram alguns expoentes da música capixaba, como o clarinetista Moacir Barros e o violonista Evanilo Silva.

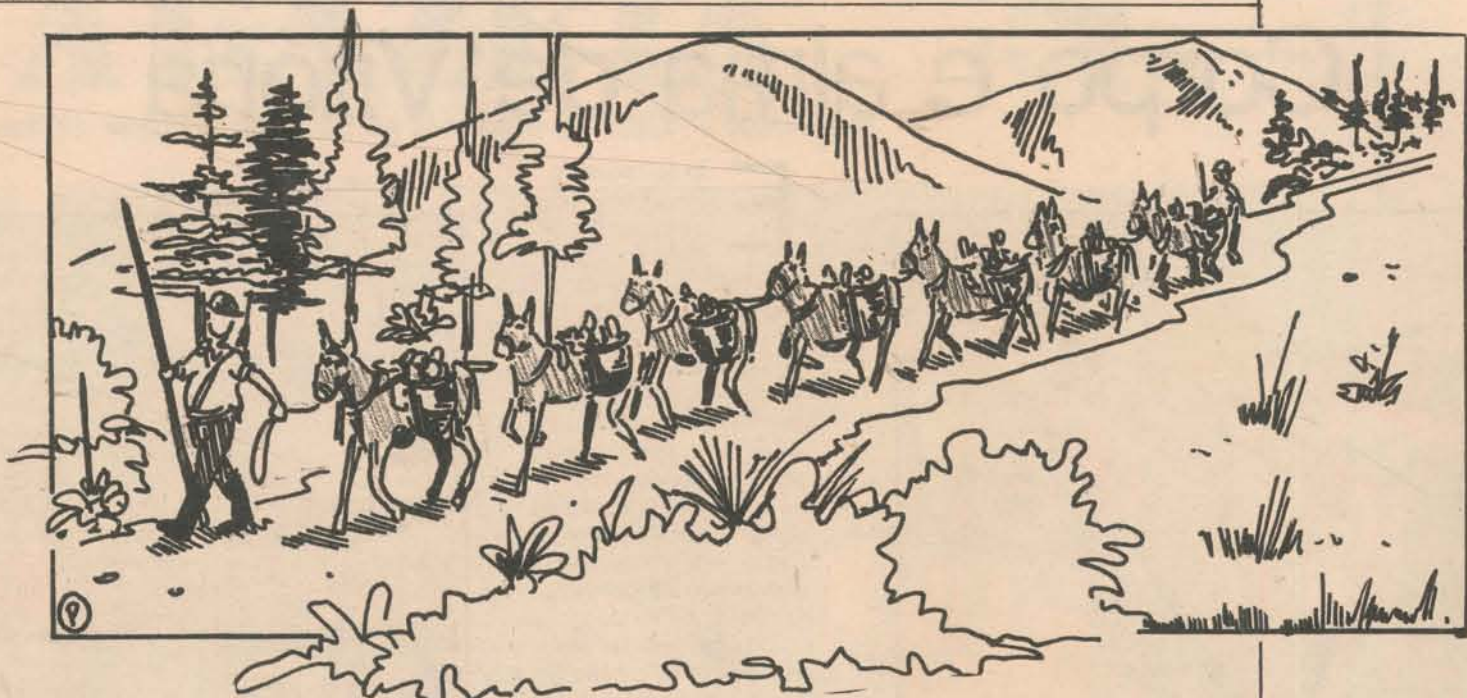
Amigo de todos, Lindenberg Filho participava da boemia incrementada pela bossa nova, mas sem subir aos palcos. "Eu não tinha pique para acompanhar aquele pessoal", admite o Cariê que, na juventude, chegou a compor ao violão, posto de lado para dirigir a Rede Gazeta.

DOCUMENTO  
**ESTADO****Honremos os burros**

Com a construção das estradas e das pontes, principalmente sobre o rio Doce, e com o advento do caminhão, as tropas de burros foram lentamente substituídas, restringindo-se, até a década de 1960, às regiões de grotas e de difícil acesso. Seu papel histórico no desenvolvimento do Espírito Santo é inconfundível, sobretudo porque, no lombo dos burros e suas cangalhas, os capixabas puderam levar aos principais centros compradores o que de mais importante tinham, o café.

Uma tropa de burros era composta normalmente por onze animais, entre os quais se destacava a "madrinha", uma mula mansa e de fácil comando, que levava sob o pescoço o cinerco (pequenos sinos), cujas batidas, ao andar, estimulavam toda a tropa pelo caminho no destino da fazenda ou da cidade.

Cada burro recebia uma cangalha, feita em couro cru e



forquilhas de madeira. A parte a ser assentada sobre o lombo recebia uma almofada, impedindo pisaduras. Sobre a cangalha se dependuravam, de cada lado, bolsas de couro com capacidade de até 120 quilos de café seco. Na época de plantio de milho à beira das estradas, os tropeiros dotavam os burros de focinheiras, que os impediam de pastar.

As tropas foram igualmente utilizadas para

transportar milho em palha, mandioca e cana entre as roças e as sedes das propriedades. Neste caso, porém, em vez de bolsas os tropeiros utilizavam dois balaios feitos em taquara verde. Normalmente, cada tropa exigia a presença de dois tropeiros, que andavam a cavalo e a pé.

Quem teve a felicidade de presenciar a tropa encostada à frente das tulhas (lugar onde se guardava o café),

aguardando carregamento, ou por elas passou ao longo dos caminhos do interior sabe avaliar quão importantes foram na ligação entre a produção e o consumo. Sem elas, o Espírito Santo estivesse, talvez, atrasado em mais um século, além dos trezentos anos de marasmo pelos quais passou.

Honremos os burros.

Orlando Eller

**De olho nos municípios****ITAPEMIRIM**

Situado quase no extremo Sul do litoral capixaba, Itapemirim possui o atrativo turístico de suas belas praias, como Itaipava, Itaoca e a famosa Marataízes, que atrai turistas principalmente de outros Estados. Além do turismo, Itapemirim apresenta grande produção de abacaxi (a maior do ES), cana-de-açúcar (a 3º do ES), da qual se extrai álcool e açúcar. Também possui grande rebanho bovino.

A partir do início do século XVIII, a região se desenvolveu, graças ao cultivo da cana-de-açúcar e ao porto que possuía, então a única porta de entrada para o vale do Itapemirim. Ganhou a condição de município em 27 de junho de 1815, com implantação efetiva no ano seguinte.

Itapemirim possui atualmente área de 697 quilômetros quadrados, com população de 44.359 habitantes. Dista 122 quilômetros de Vitória pela Rodovia do Sol (ES-060), sendo também ligado à BR-101 pelas rodovias ES-490 e ES-487. Note-se que de seu atual território foi recentemente desmembrado Marataízes, o 72º município do Estado, que terá sua instalação efetiva após as eleições deste ano.

**CARIACICA**

Fazendo parte da Grande Vitória e ostentando elevados índices de crescimento, o município de Cariacica possui hoje a maior população do Estado, ultrapassando, nesta última década, a de Vitória e a de Vila Velha.

Devido à crescente urbanização, o setor agrícola de Cariacica tem sofrido um decréscimo, embora a banana ainda apresente boa produção. O comércio e a indústria, porém, estão em franco desenvolvimento, com destaque para o explosivo crescimento da região de Campo Grande. O município possui área de 273 quilômetros quadrados e população de 274.450 habitantes. Sua sede dista 17 quilômetros de Vitória, e seu ponto culminante é o Mochuara, com 724 metros. A ocupação de seu território teve início no século XVII, pelos jesuítas. No século passado, chegaram os primeiros imigrantes pomeranos e alemães. Em 25 de novembro de 1980, Cariacica foi elevada à condição de município. A sede da Prefeitura, há alguns anos, passou de Cariacica Velha para Campo Grande.

**PIÚMA**

O turismo é a grande vocação de Piúma. Para isso, conta com a beleza natural de suas praias, ilhas e do famoso monte Aghá, além de sua grande produção de artesanato de conchas, tido como o melhor do país. Na agropecuária, Piúma produz mandioca e cria gado bovino.

Sua história tem início em 1565, quando o padre José de Anchieta, vindo de São Paulo, se instalou na Aldeia dos Índios Puris. Após sua partida, vieram colonizadores franceses. Com o tempo, chegou gente de várias nacionalidades, como ingleses, suíços e outros. Piúma passou a distrito em 1883. Em 19 de janeiro de 1891, foi elevado a município, desmembrado de Benevente. Em 1924, passa a chamar-se Iconha, e em 1963 novamente se desmembra, voltando ao nome de Piúma. Seu aniversário se comemora a 8 de dezembro.

É o menor município do ES, com apenas 74 quilômetros quadrados, uma população de 9.375 habitantes e densidade demográfica de 126,69 habitantes por quilômetro quadrado. Dista 74 quilômetros de Vitória, pela Rodovia do Sol (ES-060).

**C. DA BARRA**

Situada no extremo Norte do litoral capixaba, Conceição da Barra destaca-se por sua crescente importância turística. Seus maiores atrativos são as belas praias, as famosas dunas de Itaúnas e um dos carnavais mais animados e concorridos do país.

O município produz mandioca, farinha, café, frutas e cana-de-açúcar (o 1º do ES), da qual obtém álcool, além de pecuária leiteira, suinocultura e indústria pesqueira e madeireira. Possui ainda imensas e inexploradas reservas de salgema.

Sua área é de 1.025 quilômetros quadrados, com população de 22.288 habitantes. Dista 254 quilômetros de Vitória, pela BR-101.

A ocupação de suas terras data de 1554, no início da colonização brasileira. Naquela época, navios de várias bandeiras acorriam a seu porto, desenvolvendo a região. Em 2 de abril de 1833, foi elevada à condição de vila, sede do município de Barra de São Mateus. A 19 de setembro de 1891, recebe os foros de cidade, com a denominação atual.

**N. VENÉCIA**

Um dos mais importantes municípios do Norte do Estado, Nova Venécia baseia sua economia na produção agropecuária, principalmente na criação de bovinos (o 4º rebanho do ES), e no cultivo de café (o 5º produtor do ES), arroz (o 3º do ES), e feijão. Igualmente importante é sua produção de mármore e granito.

Sua história começa em 1870, com a chegada do barão de Aimorés, desbravando a região, habitada pelos índios aimorés. Para lá acabaram se dirigindo muitos imigrantes italianos e pomeranos, e também cearense. Em homenagem a Veneza, origem dos italianos, a vila passou a chamar-se Nova Venécia. Em 11 de dezembro de 1953, foi elevada à condição de município, desmembrada de São Mateus, com implantação definitiva a 26 de janeiro de 1954. Seu aniversário comemora-se a 24 de abril.

Atualmente, Nova Venécia possui área de 1.876 quilômetros quadrados e população de 47.708 habitantes, com densidade demográfica de 25,43 habitantes por quilômetro quadrado. Dista 249 quilômetros de Vitória, tendo como principal ligação rodoviária a ES-080, que a liga a Colatina.